

O resgate poético da ancestralidade indígena em *Eu sou macuxi e outras histórias* de Julie Dorrico

FLÁVIA DA SILVA RIOS

Graduanda em Letras-Português

Universidade Federal de Roraima

E-mail: flaviasrios@hotmail.com.br

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3704-3915>

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicidade:
Fluxo contínuo

Volume 6
Número 1

Recebido em: 31/07/2020
Aprovado em: 15/12/2020

Resenha

DORRICO, Julie. *Eu sou macuxi e outras histórias*. Ibitité/MG: Caos e Letras, 2019.

Eu sou macuxi e outras histórias é uma obra escrita por Julie Dorrico, que foi publicada pela editora Caos e Letra em 2019. O projeto gráfico é de Cristiano Silva e arte da capa de Eduardo Sabino. O livro ganhou o 1º lugar no 16º Concurso Tamoios de Textos de Escritores Indígenas promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil em parceria com o Instituto UKA – Casa dos Saberes Ancestrais (FNLIJ/UKA).

O texto de apresentação, *O caminho de volta*, é de autoria do professor e escritor indígena, Daniel Munduruku, nome de destaque na literatura indígena contemporânea do Brasil. Na apresentação, Munduruku exalta a escrita poética da autora, proporcionando ao leitor uma imersão nas memórias ancestrais e contemporâneas da mesma, motivando-o a também buscar a sua ancestralidade originária.

Ademais, o livro conta com as ilustrações do curitibano e indígena Gustavo Caboco. A trajetória profissional e pessoal de Gustavo, ao que tudo indica, impulsionou a sua escolha como ilustrador. Ele é da etnia Wapichana, por parte de mãe, da região do Cantá-RR. Assim como a autora, o artista buscou a sua ancestralidade por meio de histórias dos seus antepassados e por viagem feita a Roraima, em 2001. Esse resgate claramente influenciou os seus trabalhos e facilitou sua comunicação com os indígenas atuais. Sua identidade artística está evidenciada nas ilustrações presentes tanto na capa como durante todo o livro, estando em perfeita sintonia com a temática da obra.

A autora do livro, Julie Stefane Dorrico Peres, possui um vasto curriculum acadêmico. Ela é doutora pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2021), mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia (2015) e graduada em Letras Português e suas respectivas Literaturas na Fundação Universidade Federal de Rondônia (2013). É pesquisadora do Grupo de Estudos em Teoria Política Contemporânea, sediado no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia e colunista da ECOA/UOL. É criadora e administradora dos perfis no Facebook e Instagram @leiamulheresindigenas, que tem por objetivo divulgar e concentrar as escritoras indígenas, facilitando o acesso ao público-leitor interessado no tema¹.

A autora possui origem bem diversificada, sua mãe é guianense e seu pai peruano, porém seu nascimento foi em solo brasileiro, na cidade de Guajará-Mirim (RO). Ela passou boa parte de sua infância no distrito de Abunã-RO e, aos nove anos de idade, foi morar com a bisavó em Bonfim-RR. Já na fase adulta, aos 26 anos, quando estava na região sul, participando de um evento acadêmico, teve a

¹Informações curriculares disponíveis em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=0EF58FE6A11957D047B2405B407B5299.buscatextual_0> Acesso em: 26 de abril de 2021.

oportunidade de conhecer autores importantes da literatura indígena contemporânea como: Daniel Munduruku, Ailton Krená e Kakará Werá. Nesse evento, despertou na autora o interesse em resgatar a sua ancestralidade indígena. Após pesquisa e indagações feitas a sua mãe, Julie descobriu que é descendente do povo macuxi, visto que sua bisavó é dessa etnia.

O livro, **Eu sou macuxi e outras histórias**, é uma coletânea de dez narrativas, de caráter autobiográfico, em que a autora versa sobre sua ancestralidade indígena, memórias da infância e outras histórias. Essas recebem os seguintes títulos: *Eu sou macuxi, filha de Makunaima; Damurida; Makunaima e os manos deuses; Contos de minha avó; Não há fronteiras para o pertencimento; As bananeiras do meu quintal; O homem de ouro; A castanheira; O feitiço e O encontro com Makunaima.*

O primeiro texto é um poema, cujo título é *Eu sou macuxi, filha de Makunaima*. Nele a autora descreve sua origem indígena – descendente do povo macuxi, filhos de Makunaima (herói da tradição oral da região Circum-Roraima). Além da origem indígena, Julie afirma que ela é o fruto da miscelânea de ancestralidades distintas e idiomas típicos desta região do país: guianense, indígena e brasileira. A busca por conhecer sua origem a motiva a construir sua identidade. Ela propõe recriar seu próprio idioma para conseguir materializar sua voz em palavras escritas, como pode ser observado nos versos a seguir:

*Decidiu, porém, que minha língua não seria nem o macuxi, como de minha ancestral,
nem o inglês dos britânicos,
mas o português.
Eu não quis não.
Então resolvi criar a minha própria
como não posso fugir do verbo que me formou,
juntei mais duas línguas para contar uma história:
o inglexi e o macuxês. (DORRICO, 2019, p. 21)*

Damurida, comida típica do povo macuxi, é o título do segundo poema. As memórias culinárias indígenas da escritora ratificam a sua descendência macuxi, pois são heranças repassadas por várias gerações dentro da sua família. No trecho a seguir, Julie descreve como a damurida despertou lembranças da sua ancestralidade macuxi:

*A damurida, prato tradicional de meu povo
já fazia parte, de um jeito mágico, de meu paladar
Mesmo assim, eu não sabia que seria um caminho para reconhecer mais tarde minha
tradição. (DORRICO, 2019, p. 27)*

O terceiro poema, *Makunaima e os manos deuses*, versa sobre a origem dos povos. Nesta narrativa, a autora descreve que todas as pessoas, indígenas e brancas, compartilham da mesma mãe - a Mãe-Terra, logo todos são irmãos. A diferença que

existe entre eles é a origem paterna: o povo macuxi é filho do deus Makunaima e os indígenas de outras etnias e o homem branco eram filhos de outros deuses. Todos os habitantes da terra são considerados deuses, visto que todos tem origem divina. No entanto, o homem branco passou a se sentir superior aos irmãos e quis ser apenas um único Deus, conforme excerto a seguir:

*Depois do banho de leite o caçula disse: - Decidi que não sou “nós”.
Não vou ser pronome. Eu vou ser verbo! Eu vou ser Deus.
Os manos acharam aquilo tudo estranho, todo mundo ali era deus com letra minúscula.
(DORRICO, 2019, p. 35)*

Pode-se concluir que esse poema é um texto que traz a representação da origem dos homens e dos seus conflitos, e as consequências de tudo isso na atualidade. O texto relata como o homem branco, atribuindo-se uma superioridade sobre os demais, passa a negar aos seus irmãos indígenas o direito a suas histórias, ciências, crenças, artes e terras. Até que, em determinado momento, o indígena passa a ter consciência da sua situação e começa a reivindicar pelos seus direitos e pela oportunidade de contar sua própria história.

Nos *Os Contos de minha avó*, quarto poema da obra, a autora faz o registro de uma história contada pela sua avó sobre o povo macuxi. A Ada (cuidadora) é quem fazia a tradução para o português para que a neta compreendesse o que estava sendo dito. A narrativa conta a respeito de uma sereia, filha de Makunaima, que seduz um parente macuxês (mestiço de macuxi e português) para o fundo do rio (mundo não humano das águas). Nesse mundo, o homem aprende como sobreviver explorando a natureza, e, após retornar para a terra, ele repassa para os demais o conhecimento aprendido. As histórias contadas por sua avó trazem importantes ensinamentos, que foram repassados por gerações tanto entre o povo macuxi como entre os parentes macuxês.

No poema seguinte, *Não há fronteiras para o pertencimento*, observa-se a citação de várias etnias, que encontram-se espalhadas por todo o território nacional. A escritora afirma que não existe delimitação fronteiriça para o povo indígena, que independente da etnia, todos são povos originários do território brasileiro. Portanto, de forma poética, Julie afirma que o indígena deve sentir orgulho da sua condição e se apoderar desse sentimento de pertencimento às terras brasileiras.

No sexto poema, *As bananeiras do meu quintal*, ocorre a narração de fatos e elementos que fazem parte das memórias da infância da escritora, em que observa-se o íntimo contato dela com a natureza. Ocorre nesse momento a descrição de uma convivência harmônica entre a autora, juntamente com seus familiares, com o meio ambiente, em que existe uma relação de sintonia, equilíbrio e respeito entre os seres humanos e o mundo que os cercam.

Em *O homem de ouro*, Julie discorre sobre seu relacionamento com o seu pai, que trabalhava no garimpo. Esse texto traz a perspectiva que uma filha do “homem de ouro” tem a respeito do garimpo e as consequências desta extração para os familiares e para a natureza. Isso pode ser observado no trecho a seguir:

*Durante nove anos,
Eu tive o afeto de meu pai.
Mas ele enlouqueceu
como todo homem de ouro
que não escapa da maldição
de matar os outros envenenados aos pouquinhos.*

*Enquanto meu pai ficava cada vez mais rico
mais o rio gente morria, bem devagarinho, sufocado pelo mercúrio.
E quanto mais morria
mais gentes-árvore, gentes-peixe, gentes-barranco, gentes-gente morriam
com ele. (DORRICO, 2019, p. 77)*

O poema seguinte, *A castanheira*, ganha destaque na obra, pois apresenta uma disposição espacial diferente dos demais. Seus versos estão escritos na posição vertical e na direção de cima para baixo, causando a impressão de que cada um deles representaria uma árvore. Essa organização poética traz um desconforto, visto que é necessário dispor do livro de forma não habitual durante a leitura. Esse artifício, juntamente com a sua temática, sugestiona o leitor a pensar sobre a sua relação com a natureza. Nesse texto, a escritora relembra um episódio de sua vida, em que foi visitar seus parentes karitiana, em Rondônia, e que ao lhe apontarem uma castanheira, ela não consegue reconhecer a árvore. Esse momento traz reflexões para autora, pois ela passa a se questionar quando foi que perdeu a conexão com a natureza, como exemplificado nos versos a seguir:

*Por que não vejo mais árvores
Quando foi que deixei de perceber as gentes-florestas?
Quando?
E você? (DORRICO, 2019, p. 83)*

O *feitiço* conta a história da sua avó, que morreu de “doença de espírito”, quando sua mãe ainda era criança. Tudo começou quando um homem começou a cortejá-la, porém não era recíproco esse sentimento, pois ela amava seu marido. Ressentido, esse homem recorre a “gentes não humanas” para realizar um feitiço, que fizesse a mulher adoecer e morrer. Em outro trecho, a autora revela que passou a morar com sua bisavó em terras macuxis, e é a ela que chama de avó, pois sua mãe estava “nessa época, nos afluentes do rio Madeira” (DORRICO, 2019, p. 95).

O último texto, *O encontro de Makunaima*, é o relato do encontro em sonho da escritora com Makunaima, e como ele a “enlaçou em seu amor”. Esse sonho

despertou nela o sentimento de pertencimento ao povo macuxi. Julie Dorrico encerra a obra concluindo que:

*Eu sou pimenta
panela de barro
cobra
damurida
onça
olho puxado
cabelo preto
cor amarela.*

Eu finalmente posso dizer, com ternura, que sou macuxi. (DORRICO, 2019)

Eu sou macuxi e outras histórias é uma importante obra da literatura indígena brasileira contemporânea, pois traz narrativas do povo macuxi desconhecidas por uma grande parcela da população. A perspectiva do próprio indígena viabiliza uma gama de representações e interpretações dos povos nativos que diferem das que tradicionalmente observam-se na literatura. Os poemas desconstróem estereótipos tão comuns do passado e ajudam a difundir a cultura, os costumes, as histórias e os anseios de um povo, que não teve, por tanto tempo, a oportunidade de ser portavoza de sua própria história.

A disposição das palavras, dos versos e das ilustrações foram estudadas com o intuito de conduzir o leitor para uma imersão no ambiente nativo dos indígenas. Portanto, o livro não se detém apenas ao conteúdo escrito, pois apresenta elementos de comunicação não-verbal que torna a leitura mais enriquecedora e diferenciada. As ilustrações, por exemplo, denotam uma preocupação estética com a obra, que facilita a compreensão e a construção das narrativas, principalmente para aqueles que desconhecem a história e a cultura do povo macuxi.

A organização espacial dos versos difere a depender da temática do poema, que, conseqüentemente, permite classificá-lo como poema visual. Por exemplo, em *A Castanheira*, os versos estão dispostos na vertical e no sentido de baixo para cima, estruturando uma imagem, que completa o sentido do texto. E ainda, nos poemas, *Makunaima e os manos deuses* e *Contos de minha avó*, existe o recuo da primeira linha do parágrafo para a margem à esquerda e as demais linhas mais para à direita, indo de encontro a formatação preconizada para os textos escritos, caracterizando assim uma quebra de normas estabelecidas.

Pode-se observar ainda no final da obra, a presença de um glossário. Ele serve como material de apoio a leitura, visto que contempla traduções e explicações de algumas palavras do idioma macuxi. No entanto, encontra-se incompleto, pois não foram encontrados, por exemplo, os seguintes vocábulos: paxiúba, stekaton, xamãs, piatzân, omá:kon. Entretanto, isso não prejudica a compreensão do texto como um todo. Além disso, cabe acrescentar que essas traduções e explicações, em vez de

constarem no final do livro, poderiam estar melhor posicionadas como notas de rodapé, já que facilitaria o acesso ao leitor, sem a necessidade de interrupções frequentes, que quebram o ritmo de leitura.

Durante as narrativas, observa-se que a autora cita várias personalidades indígenas de renome no Brasil. Algumas não possuem amplo conhecimento público, principalmente para aqueles que desconhecem as causas do povo originário. Portanto, cabe destacar que o livro exerce uma importante contribuição na divulgação de autores, ativistas e artistas indígenas, com isso dando a oportunidade ao leitor de ampliar seu entendimento sobre o assunto.

A relevância da obra, *Eu sou macuxi e outras histórias*, da escritora Julie Dorrico, é notória e consiste em dar voz a um povo que ficou por muito tempo silenciado. São narrativas pouco divulgadas e que, muitas vezes, não são reconhecidas como literatura contemporânea brasileira. A leitura deste tipo de obra proporciona ao leitor a oportunidade de conhecer a história do povo originário, sob a perspectiva do próprio indígena, dando espaço e visibilidade para uma parcela da população que encontra-se ainda às margens da sociedade.

Referências

CANDIDO, M. Nova Colunista de Ecoa leva literatura indígena a milhares de seguidores. *Ecoa UOL*, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/03/09/nova-colunista-de-ecoa-leva-literatura-indigena-a-milhares-de-seguidores.htm>> Acesso em: 18 de abril de 2021.

DORRICO, J. Leia Mulheres Indígenas: 25 escritoras para você conhecer. *Visibilidade Indígena*, 2020. Disponível em:<<https://www.visibilidadeindigena.com/post/leia-mulheres-ind%C3%AAdgenas-25-escritoras-para-voc%C3%AA-conhecer>> Acesso em: 26 de abril de 2021.

DORRICO, J. A literatura Indígena: conhecendo outros brasis/ Julie Dorrico/ TEDXUnisinos. *YouTube*, 2019. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=gKVOXmuEbwU>> Acesso em: 18 de abril de 2021.